

"O SERTANEJO FALANDO" E A NOVILÍNGUA

Henryk Siewierski

Quando comecei a traduzir alguns poemas de *Educação pela Pedra* e dos *Cemitérios Pernambucanos* para a língua polonesa, vieram-me perguntas que até agora continuam sem resposta: Como traduzir João Cabral para uma língua sem canavial, sem a textura da rede, sem sertão? Sem mangas, mangabas, maracujás, sem terra em que ninguém jaz? Como se pode traduzir a sede? Como se pode trasladar os mortos derramados no chão e decifrar palavras rebuçadas de pedra? Como traduzir João Cabral para uma língua sem canavial, uma trilha sonora de outro coração?

Se fica tão difícil responder a essas perguntas, por que então insistir na tradução? Donde vem essa vontade de transplantar o canavial para onde a cana, mesmo se plantada, não dá? Talvez porque traduzir é natural ao homem, como testemunha Paulo Rónai: "Cada vez que uma obra literária me comove ao fundo, a minha reação instintiva é verificar se já está traduzida, para, em caso contrário, eu mesmo transplantá-la para a minha língua materna, ou para outras em que acabei por sentir, pensar e me exprimir".

Portanto, já antes do próprio ato de tradução, há um "movimento" interlingüístico, a "comoção" que atinge as profundidades da base comum das duas línguas. O resto — a tradução, a interpretação — são as tentativas de dar um testemunho desse "movimento", como o presente ensaio: a tentativa de tradução e de interpretação do poema "O Sertanejo Falando", de João Cabral de Melo Neto

"O Sertanejo Falando" revela a realidade de um meio ambiente específico, da terra da educação pela pedra, terra em que "de nascença a pedra entranha a alma", terra do martírio dos apedrejados pelas forças da natureza e pelas leis pedregosas da história. Revela também a resistência humana a essas leis desumanas, a arte que engana a realidade bruta do mundo para dar o testemunho da verdade que é o homem:

A fala a nível do sertanejo engana:
as palavras dele vêm, como rebuçadas
(palavras confeito, pílulas), na glâce
de uma entonação lisa, de adocicada.
Enquanto que sob ela, dura e endurece

o caroço de pedra, a amêndoa pétrea,
dessa árvore pedrenta (o sertanejo)
incapaz de não se expressar em pedra.

2.

Dá porque o sertanejo fala pouco:
as palavras de pedra ulceram a boca
e no idioma pedra se fala doloroso;
o natural desse idioma fala a força.
Dá também porque ele fala devagar:
tem de pegar as palavras com cuidado,
confeitá-las na língua, rebuçá-las;
pois toma tempo todo esse trabalho.

("O Sertanejo Falando", de A Educação pela Pedra)

A filosofia da linguagem do "sertanejo falando" parece ignorar o que a ciência professa desde Humboldt, e o que se resume num aforismo de Wittgenstein: "As fronteiras da minha língua são as fronteiras do meu mundo". "As palavras dele vêm como rebuçadas", porque a língua que lhe foi imposta é insuficiente e inadequada como instrumentos de expressão e comunicação no seu verdadeiro mundo, e por isso ele não quer obedecer às fronteiras que essa língua lhe impõe. É verdade que o sertanejo é "incapaz de não se expressar em pedra", mas é também incapaz de se expressar nessa língua sem sofrer ("as palavras de pedra ulceram a boca") e de não resistir a esse sofrimento através do trabalho que torna as palavras pronunciáveis. O idioma cujo destino não é a expressão nem a comunicação, mas a petrificação da alma e do coração do homem, transforma-se num processo de trabalho doloroso, em palavras adocicadas de cada dia.

A imagem do sertanejo enquanto fala e, ao mesmo tempo, a "teoria" da fala sertaneja, revelam nesse poema de João Cabral uma realidade concreta, mas de uma forma que abre diversas perspectivas parabólicas de interpretação. A sua tradução para a língua polonesa, que é ao mesmo tempo uma leitura nessa língua, um olhar do outro lado do mar (que na verdade não nos separa porque é o mesmo mar), sobrepõe a essa primeira leitura, reveladora no que se refere à experiência do Brasil e do português do Brasil, uma trilha interpretativa alegórica: a situação do "sertanejo falando" se torna uma situação modelar do homem e sua língua num sistema totalitário.

Pode ser que tal interpretação seja o sintoma de uma obsessão do usuário de uma das línguas centro-européias, línguas tão martirizadas pela superdose da persuasão política, chamada também *newspeak*, nos últimos tempos, que talvez não deva surpreender a sua procura das vítimas do Ministério da Verdade orwelliano até no sertão de Pernambuco. Porém, não se trata aqui de projetar as experiências do "leste-europeu falando" na situação do sertanejo, mas ao contrário: a situação do "sertanejo falando" provoca uma atualização e reinterpretação das dolorosas experiências da "outra Europa".

A manipulação semântica como instrumento de poder não é uma invenção dos nossos tempos. Sobre uma alteração arbitrária do significado das palavras para justificar os atos imorais, já falava Tucídides na *Guerra do Peloponeso* ("e o simples significado das palavras em relação às coisas alteravam livremente", III, 82); "a arte de política — dizia Talletrand — consiste em inventar novos nomes para as instituições que sob os seus nomes antigos se tornaram inaceitáveis para os homens"; abusos desse gênero descrevia Schopenhauer. Mas foi no nosso século que a sujeição da língua se tornou uma técnica de domínio aplicada sistematicamente em escala quase planetária.

"Vivemos no sistema da escravidão moderna — diz o protagonista do romance do escritor polonês K. Orłoś (*Trzecie Klamstwo, A Terceira Mentira*, 1980).— A escravidão mental. A discriminação do pensamento ... A nossa sujeição vem da impossibilidade de usar livremente a palavra e exprimir os seus próprios pensamentos, assim como da aplicação pelos governantes de todo um sistema de pressões diretas a indiretas para que as palavras sejam usadas de um modo determinado. Justamente assim como falam das tribunas e como escrevem nos editoriais dos jornais"

O termo *newspeak* do romance fantástico-grotesco de George Orwell (1984) passou a designar uma realidade sociolingüística concreta, uma retórica totalitária do fascismo e comunismo. O *newspeak* ou novilíngua, no romance de Orwell, é um sistema lingüístico artificial, uma espécie de novo esperanto, construído por uma instituição política de tal modo que não se pode nele definir os conceitos nem formular corretamente enunciações incompatíveis com a política do partido dominante. Tal língua, imposta administrativamente à sociedade, tornou-se um instrumento perfeito de domínio, eliminando qualquer subversão já em fase de embrião: a anúnciação crítica ao sistema não será possível, não pelo medo, mas porque não há como formulá-la (a censura torna-se, portanto, desnecessária).

Felizmente o termo orwelliano **newspeak** pode ter, na sua aplicação à realidade lingüística do "socialismo real" (assim como aos outros totalitarismos dos nossos tempos), apenas um sentido metafórico. Na língua polonesa o termo novilíngua (**nowo-mowa**) funciona como uma denominação da linguagem da propaganda política monopolizada pelo estado nos "sistemas fechados". Por outro lado, as suas descrições chamam a atenção para o fato de que não se trata tanto de um produto da instituição do poder quanto de um produto espontâneo da sociedade, uma degeneração da língua como o resultado da reação a uma realidade indesejada. Corroem a língua, assemelhando-a ao **newspeak**, tanto os mecanismos internos e os recursos da língua da propaganda quanto a própria situação política e social hostil à transparência semântica.

No modelo orwelliano, a situação é definida de uma vez por todas: as autoridades astutas sujeitam o povo ingênuo, deixando-o numa armadilha sem saída. No "socialismo real", a ingenuidade e a sujeição definem o próprio poder que sonha a viabilidade da sua utopia, ou, pragmaticamente, deixa-se iludir pela fatalidade das "leis da História". O povo se mantém lúcido, sabe distinguir a palavra da verdade e a da mentira, e sente na sua pele as manipulações dos "engenheiros de almas humanas".

Não seria fácil traduzir para o polonês o canavial, a rede, as mangas, mangabas... nem a seca do Nordeste. Mas o "sertanejo falando" e as suas palavras rebuçadas de pedra são traduzíveis. Porque a língua polonesa teve também a sua época de pedra adocicada e até hoje sofre as conseqüências disso. Entranhava as almas desde a nascença a visão petrificada (chamada também científica) do mundo. No ramo da língua natural e histórica, enxertava-se um idioma novo, codificado ao máximo, imune à polissemia poética, impessoal, lexicamente pobre.

Mas foi em vão. Porque a língua-mãe continuava viva, e mesmo quando condenada a uma forma híbrida, não permitia que a "língua nova" contagiasse a alma toda. Por isso, além dos mecanismos internos de petrificação, era necessário um sistema de policiamento externo - a censura - para perseguir as palavras vivas, leves e soltas.

No entanto, a árvore da língua dava também pedras; e foi difícil não se expressar nelas. Difícil ainda mais expressá-las, porque a sua natureza era estranha ao ato da fala: "as palavras de pedra ulceram a boca". A boca, o órgão vivo da fala, tinha que criar "anticorpos" para se proteger, "confeitá-las na língua, rebuçá-las, torná-las pronunciáveis, humanizá-las. Esse trabalho e o seu resultado (a fala que engana para manter vivo o processo de expressão e comunicação, para desarmar as palavras que podem matar) criaram um certo estilo política e social, de uma classe ou grupo dominante, de um tipo de relações interpessoais no

contexto do processo de indocinação. Mas aqui a sujeição não era total, como no modelo orwelliano, e talvez a metáfora mais adequada a esse tipo de novilíngua seja a figura cabralina do "sertanejo falando" - falando à força, dolorosamente, condenado a um idioma estranho à sua natureza, mas ao mesmo tempo ciente da natureza desse idioma e trabalhando para torná-lo menos ofensivo:

MOWA SERTANEJO

Mowa Sertanejo jest zwodnicza:
wypowiada słowa zamaskowane
(słowa cukierki, pigułki) w polewie
intonacji gładkiej, ucukrowanej.
Podczas gdy pod nią trwa i twardnieje
kamienna pestka, migdał skamieniały
z tego kamiennego drzewa (sertanejo)
co tylko w kamieniu wysławiać się jest w stanie.

2.

Dlatego sertanejo mówi mało:
ranią usta kamienne słowa,
bolesne jest mówienie w języku kamień;
mówi na siłę kto w nim się wychował.
Dlatego też mówi powoli:
musi wziąć ostrożnie każde słowo,
ulukrować je na języku, zamaskować,
co jest pracą bardzo czasochłonną.